

## A Igreja, a ciência e a sabedoria dos povos pela Ecologia Integral

Dário Bossi<sup>1</sup>

O Parque Nacional de Yasuní<sup>2</sup>, no Equador, é uma das regiões mais biodiversas do mundo. Vivem lá os povos indígenas isolados Tagaeri e Taromenane, outras etnias indígenas, 610 espécies de aves, 139 de anfíbios e 121 de répteis. Mas, debaixo deste solo, assim como em outras regiões da Amazônia, há petróleo.

Há 16 anos, segue a luta em defesa do parque: indígenas, movimentos populares, jovens estudantes e também comunidades e instituições da Igreja constituíram o grupo “*Yasunidos*” e reivindicaram com força que o petróleo ficasse debaixo do solo, no Bloco 43. Em 2023, conseguiram convocar um referendo nacional sobre o assunto; mais de 60% da população votou a favor da sobrevivência do parque e do desmantelamento das instalações petrolíferas no Bloco 43. “Amazônia livre de petróleo!” é um dos lemas que estão também mobilizando os povos e a sociedade civil organizada rumo à COP30, quando representantes das nações, convocados pela ONU pela primeira vez na América Latina, estarão definindo novos acordos frente ao colapso ambiental e climático.

Histórias como a dos *Yasunidos* são emblemáticas, para compreendermos a urgência de ações em defesa da Casa Comum e o papel determinante das diversas expressões religiosas em apoio a elas. Vejamos, portanto, como lidar com a urgência dos tempos e como a Igreja pode se deixar inspirar, neste contexto, pelo diálogo com a ciência e com a sabedoria dos povos.

### *Tempo decisivo*

O Universo em contínua expansão teve sua origem 13,8 bilhões de anos atrás; o Planeta Terra formou-se há cerca de 4,5 bilhões de anos atrás e os primeiros sinais da vida apareceram cerca de um bilhão de anos depois. A história do ser humano é bem mais recente: temos 300 mil anos de existência, mas nos últimos 150 anos (!) o *Homo sapiens* atingiu a capacidade e o poder de mudar a história do planeta de forma significativa.

O chamado “Relógio do Apocalipse”<sup>3</sup> mede, a cada ano, o grau de perigo que pode levar à destruição da vida, avaliando o risco de guerras atômicas e os impactos das alterações climáticas globais. Nunca estivemos tão próximos da meia-noite, símbolo do fim dos tempos, como nos últimos dois anos.

Além destas ameaças diretas à vida, o ser humano, pela primeira vez, está influenciando as condições da evolução geológica do Planeta. O degelo das calotas polares, causado pelo aquecimento global, está alterando até a velocidade e o eixo de

---

<sup>1</sup> Assessor da Comissão Sociotransformadora e da Comissão para Ecologia Integral e Mineração da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC Rio. E-mail: <[padredario@gmail.com](mailto:padredario@gmail.com)>

<sup>2</sup> <https://apnews.com/article/amazon-ecuador-oil-drilling-referendum-yasuni-5c72a325755976c47a3ec138bdab8537> (todos os links foram acessados em 5 de outubro de 2024).

<sup>3</sup> <https://thebulletin.org/doomsday-clock/>

rotação da Terra<sup>4</sup>. Os cientistas chamam esse fenômeno de “Antropoceno”<sup>5</sup>, uma possível nova era em que as mudanças geológicas têm a ação humana como concausa. A partir disso, Papa Francisco, na exortação apostólica *Laudate Deum*, apresenta considerações alarmadas: “Nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma” (LD 23); “Com o passar do tempo, dou-me conta de que não estamos reagindo de modo satisfatório, pois este mundo que nos acolhe está-se esboroando e talvez aproximando dum ponto de rutura” (LD 2).

O modelo econômico em que vivemos, que concentra riqueza e poder, gerou uma profunda dívida ecológica e climática entre os países mais desenvolvidos e aqueles que, numa lógica de dependência colonial, favoreceram o desenvolvimento de outros. Por isso, o Papa faz questão de diferenciar as responsabilidades: “as emissões per capita nos Estados Unidos são cerca do dobro das dum habitante da China e cerca de sete vezes superiores à média dos países mais pobres” (LD 72).

Diante dessas condições, não há tempo a perder; o saudoso Cardeal Cláudio Hummes sempre repetia, ao participar da COP21 em Paris, que “mais tarde será tarde demais”. De forma similar, o pesquisador e historiador Luiz Marques publicou uma obra densa e rica em dados e propostas de mudança, com o significativo título “*O decênio decisivo – Propostas para uma política de sobrevivência*”<sup>6</sup>.

Neste *kairós*, um tempo decisivo, o papel dos cristãos e das cristãs será absolutamente determinante, como Paulo já destacou na carta aos Romanos, dando voz à criação inteira que “espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus” (Rm 8,19).

### ***A Igreja, a ciência e a sabedoria dos povos***

Pela primeira vez, um texto base da Campanha da Fraternidade traz, em sua etapa de “julgar”, a contribuição da Bíblia, do magistério da Igreja, da ciência e da sabedoria ancestral dos povos. Todas essas fontes de conhecimento contribuem para iluminar a perspectiva da Ecologia Integral, que aprofundamos na CF 2025, confirmando a interconexão e interdependência dos saberes. A Palavra de Deus inspira e orienta a busca da verdade e, por sua vez, é interpretada à luz do conhecimento científico e popular (o “*sensus fidelium*”<sup>7</sup>) em contínua evolução.

É impressionante como o magistério da Igreja, a ciência contemporânea e as intuições dos povos indígenas convergem ao indicar que tudo está interligado na Casa Comum.

Na encíclica *Laudato Si'*, destaca-se que

tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas se podem considerar separadamente. Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualizar e compreender. Boa parte da nossa informação genética é partilhada com muitos seres vivos. (LS 138)

---

<sup>4</sup> <https://www.jpl.nasa.gov/news/nasa-funded-studies-explain-how-climate-is-changing-earths-rotation/>

<sup>5</sup> CRUTZEN, P. J. e STOERMER, E. F. *The Anthropocene*, Global Change Newsletter, 41: 17-18 (2000).

<sup>6</sup> MARQUES, L. *O decênio decisivo – Propostas para uma política de sobrevivência*, São Paulo: Editora Elefante, 2023.

<sup>7</sup> FRANCISCO, *Episcopalis Communio* – Sobre o Sínodo dos Bispos, n. 28.

A ciência apresenta o conceito de biosfera como uma interconexão de todas as formas de vida numa teia complexa de relações biológicas, químicas e físicas. Cada espécie, da menor bactéria até o maior predador, desempenha um papel essencial na manutenção do equilíbrio da Terra. A perda ou o comprometimento de uma parte dessa rede pode gerar impactos profundos em todo o sistema, prejudicando a resiliência e a estabilidade da vida no planeta.

Ailton Krenak se faz porta-voz da sabedoria indígena ao evidenciar o contraste entre o descolamento e a organicidade na compreensão das relações entre todos os seres:

A humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe<sup>8</sup>.

A organicidade das relações entre todas as criaturas também pode ser interpretada em chave mística e espiritual, como faz o Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*, citando São Boaventura, São João da Cruz e São João Paulo II. De fato, podemos reconhecer, na energia que vincula e une todas as partes da matéria e na força que anima a interconexão entre os elementos e as espécies naturais, o Espírito de Deus, criador e animador da vida: “O universo desenvolve-se em Deus, que o preenche completamente”, ao ponto de podermos “chegar a encontrá-Lo em todas as coisas” (LS 233).

Com base nessa compreensão fundamental de uma nova ordem de relações entre o ser humano e toda a Criação, a Igreja precisa superar o antropocentrismo desordenado que, por séculos, foi o critério central de sua moral, e assumir decididamente a missão de reconciliação com o mundo (LD 69). Algumas prioridades de ação para esta missão são as seguintes:

- Combater todo tipo de negacionismo, inclusive o negacionismo prático de pessoas, grupos e sociedades que, mesmo admitindo a gravidade da crise ambiental, vivem como se nada pudesse ser feito, numa acomodação resignada;
- Dar nomes e indicar as causas do colapso ambiental e climático, com a coragem profética de atualizar o clamor de João Batista: “não te é permitido” (Mt 14,4). Não é permitido o despejo de tantos agrotóxicos no solo do Brasil, nem a expansão do agronegócio, maior causa do desmatamento; não é permitido este ritmo predatório da mineração, nem o marco temporal para expulsar os povos indígenas de suas terras; não é permitida a violência no campo que assassina lideranças e intimida a luta pelo direito à terra, teto e trabalho, nem a especulação urbana que concentra os pobres nas periferias;
- Propor a ética do limite e da sobriedade feliz, estilos de vida individuais e coletivos que se opõem ao consumismo e à “religião” do capitalismo, sistema que -por definição- só se sustenta se estiver continuamente se expandindo;

---

<sup>8</sup> KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo, São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 23.

- Renovar a opção pelos pobres, pelas pessoas e territórios empobrecidos, pois será somente deles que poderão surgir propostas realmente alternativas a uma “economia que mata” (EG 53) e a um sistema “injusto pela raiz” (EG 59).

### ***O que fazer e como fazer***

Não temos condições, neste breve texto, para apresentar propostas estruturadas de ação; o que mais nos interessa é o princípio que deve orientar as posições da Igreja, conforme tentamos explicar acima. Ao organizar atividades rumo à COP30, estamos cada vez mais convencidos de que a história do clima se muda a partir dos territórios, respeitando o direito das comunidades de desenvolverem seus planos de vida nos territórios que habitam. Como proclamado na encíclica *Laudato Si'*, os povos indígenas não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços. Com efeito, para eles, a terra não é um bem económico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam de interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida (LS 146).

Assim, a Igreja é chamada a atuar “de dentro e de baixo”, inserida na caminhada das comunidades que acompanha e defende, nas cidades, no campo e na floresta, apoiando a organização comunitária, o intercâmbio, as alianças e redes, em diálogo permanente com os movimentos populares. Essa abordagem deve promover um “multilateralismo dos pequenos”, como recomenda Papa Francisco em *Laudate Deum* (37-43).

Essa opção fundamental irá se traduzir, obviamente, em ações concretas em defesa dos territórios, que a Igreja precisa assumir e reivindicar do Estado: parar definitivamente todo desmatamento, reflorestar os territórios, financiando ações das comunidades locais, promover a reforma agrária, incentivar e subsidiar economias regionais, solidárias e circulares, estabelecendo uma relação local entre campo e cidade, etc.

### ***Como comunicar***

Dialogando com comunicadores e comunicadoras, este artigo conclui com alguns apelos, pedindo ajuda e orientações a este setor tão decisivo para a construção e divulgação de uma narrativa de defesa e promoção integral da vida, inspirada pelo horizonte bíblico da Aliança universal que envolve todas as criaturas (cf. Gn 8-9)<sup>9</sup>.

Primeiramente, apesar do contexto dramático, destacamos a necessidade de semear esperança. A comunicação não pode esconder a situação limite em que a humanidade e o planeta se encontram, mas precisa dar voz e visibilidade a experiências de resistência e reconstrução do tecido de relações que o pecado ecológico<sup>10</sup> esgarçou.

---

<sup>9</sup> CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Campanha da Fraternidade 2025: Texto-base, Brasília: Edições CNBB, 2024, p. 7.

<sup>10</sup> A noção de pecado ecológico foi introduzida pelo Sínodo da Amazônia, como “uma ação ou omissão contra Deus, contra o próximo, a comunidade e o meio ambiente. É um pecado contra as gerações futuras e manifesta-se em atos e hábitos de poluição e destruição da harmonia do ambiente, em transgressões contra os princípios da interdependência e da ruptura das redes de solidariedade entre as criaturas (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 340-344) e contra a virtude da justiça”. Documento final do Sínodo da Amazônia, n. 82.

Reiteramos também que o cuidado da Casa Comum e a promoção dos direitos socioambientais são missões prioritárias para a Igreja de hoje, considerando que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). Neste sentido, é muito oportuna uma comunicação que aproxime constantemente a perspectiva socioambiental, à luz da Doutrina Social da Igreja, à essência da fé, como conformação à missão de Jesus.

Um dos maiores desafios é alcançar as juventudes e contribuir para que se tornem protagonistas de propostas sociais, políticas e econômicas inovadoras, inspiradas pelo paradigma da Ecologia Integral, como, por exemplo, vem fazendo há tempo a Articulação Brasileira da Economia de Francisco e Clara.

A comunicação da Igreja precisa reafirmar constantemente sua opção pelo diálogo aberto, a inclusão e o respeito por todas as pessoas, mas sempre a partir da opção pelos pobres, que é o contexto privilegiado em que a Igreja se encontra com Jesus encarnado (Mt 25,31-46).

Neste sentido, será necessário prestar muita atenção à sedução enganosa do poder e das “falsas soluções” que este oferece. Por exemplo, seria apropriado aprofundar em outros espaços a solução enganosa das “transições energéticas”, que até agora se apresentam simplesmente como uma reinvenção “verde” do sistema capitalista, assim como o perigo da proposta dos créditos de carbono, que se apresenta como mais uma forma neocolonial de controle dos territórios.

Finalmente, a comunicação a serviço da Ecologia Integral tem o desafio de conectar as ações cotidianas com as necessárias grandes mudanças sistêmicas. O Papa Francisco nos ajuda a compreender o papel revolucionário das pequenas atitudes:

O simples fato de mudar os hábitos pessoais, familiares e comunitários alimenta a preocupação pelas responsabilidades não cumpridas pelos setores políticos e a indignação contra o desinteresse dos poderosos. Note-se, pois, que, mesmo se isto não produzir imediatamente um efeito muito relevante do ponto de vista quantitativo, contribui para realizar grandes processos de transformação que agem a partir do nível profundo da sociedade (LD 71).

Ao mesmo tempo, no mesmo documento, ele declara: “Entretanto, é necessário sermos sinceros e reconhecer que as soluções mais eficazes não virão só dos esforços individuais, mas sobretudo das grandes decisões da política nacional e internacional” (LD 69). Portanto, uma boa comunicação, integrada com as estratégias de incidência política da Igreja, precisa articular as formas de resistência e as propostas das comunidades em seus territórios com modelos econômicos e ecológicos inspirados pelo Bem Viver dos povos e pelo Bem Comum.

“Caminhemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança” (LS 244).